

DO DESPUDOR ATÉ A INOCÊNCIA: O SENTIMENTO DE INFÂNCIA.

Kaio Coelhor Rodrigues – Unifesp
tropamg130@gmail.com

Kauanna Petra Freitas Ferreira Cutrim- Unifessp
Robertateixeira@unifesspa.edu.br

Roberta Ferreira Teixeira – Unifesspa
Kauannapetra@unifesspa.edu.br

Terezinha Cavalcante Feitosa (Orientadora) - Unifesspa
terezinha.cavalcante@unifesspa.edu.br

Eixo temático: Educação, diversidade e formação humana: gênero, sexualidade, étnico-racial, justiça social, inclusão, direitos humanos e formação integral do homem;

Resumo: O presente trabalho vem tratar de análises históricas a respeito das concepções de infância entre os séculos XV ao XIX. A pesquisa de cunho qualitativo fez relação entre a obra de Ariès (1978) o qual aborda como o ser “criança” e a “infância” são vistas ao longo dos séculos indo de acordo com as sociedades das diferentes épocas que a humanidade passou, e as historias dos Irmãos Grim que tiveram grande importância em relação ao apanhado de contos orais. O texto buscou compreender a infância pelo viés da história focando em aspectos socioeconômicos, éticos e morais.

Introdução

O presente trabalho vem apresentar a comunidade os resultados de um estudo que fez paralelo entre a obra de Ariès (1978) e as historias infantis criadas pelos Irmãos Grimm. A ideia dessa pesquisa surge na oportunidade de cursar a disciplina de Historia da Infância enquanto discentes do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), a disciplina foi ministrada pela Professora Dra. Terezinha Pereira Cavalcante e objetivou discutir as diferentes perspectivas de infância ao longo da história das sociedades humanas.

Referencial Teórico

A obra aqui citada permite ter uma visão do que era ser criança durante as diferentes épocas que a humanidade já viveu, aqui nesse trabalho teremos um recorte temporal dos séculos XV ao XIX. Nesse período de tempo tinha-se a visão de infância não muito distante da vida adulta, podemos até dizer que seriam tratados como “mine adultos”, não existindo a preocupação de privá-los de assuntos que despertasse a sexualização precoce, o que tornava comum à associação das crianças a brincadeiras sexuais. “Essa prática familiar de associar as crianças às brincadeiras sexuais dos adultos fazia parte do costume da época e não chocava o senso comum” (ARIÈS, 1978, p. 128). A preocupação de que assuntos e brincadeiras sexuais não são próprios da infância surge ao fim do século XVI quando despertou a preocupação de

católicos, protestantes e educadores com o tipo de linguagem utilizada comumente com crianças.

Para constatar isso Ariès cita o diário do médico Heroard que atendia a Luís XIII. Heroard anotou o desenvolvimento de Luís XIII e de acordo com Ariès: “Nenhum outro documento poderia dar-nos uma ideia mais nítida da total ausência do sentimento moderno da infância nos últimos anos do século XVI e início do XVII.” (1978, p.125).

Luís XIII era da nobreza da época e vivia cercado de empregados prontos para o servirem. A criança desde cedo é incitada a se tocar e a permitir ser tocado sem pudor algum. Ao completar dois anos de idade, seu casamento com a Infanta da Espanha é escolhido e logo o explicam o significado daquilo. “Perguntam-lhe: Onde está o benzinho da Infanta? Ele põe a mão no pênis.” (p.126). Seus três anos iniciais de vida são livres de quaisquer censuras sobre tocar a si mesmo ou ser tocado no pênis. “A Marquesa (de Verneuil) muitas vezes punha a mão embaixo de sua túnica.” (Ariés, 1978, p. 126).

A preocupação com o cuidado pelo corpo da criança se atenua para que seja preservada a inocência dos infantes. A igreja Católica e Protestante aconselhava aos pais que vigiassem as crianças e não permitisse que elas vissem ou ouvissem o que envolvesse sexo, pois era um pecado carnal e tirava a pureza dos pequenos.

Ariès aponta em seus estudos do diário de Heroard que as pessoas achavam divertido como o pequeno Luís reagia nas brincadeiras, como ocorriam suas primeiras ereções. Com quatro anos ele estava adiantado em sua educação sexual. Ariès descreve “Com cinco ou seis anos as pessoas pararam de se divertir com as partes sexuais do Delfim. Enquanto isso, porém ele começou a se divertir com as dos outros” (p. 127).

O autor diz que a partir de 1608 esse tipo de brincadeira se dilui

O menino de dez anos era forçado a se comportar com uma compenetrado que ninguém pensava em exigir de um menino de cinco. A educação praticamente só começava depois dos sete anos. E esses escrúpulos tardios de decência devem também ser atribuídos a um início de reforma dos costumes, sinal da renovação religiosa e moral do século XVIII. (p.128).

Com 14 anos quase o forçaram a ter relação sexual com a Infanta da Espanha, sua mulher. Apesar disso esse tipo de casamento, aos 14 de um menino, vinha se tornando menos comum, ao contrário das meninas que permanecia aos 13. Esse sentimento moral era compartilhado entre a plebe também, pois fazia parte dos costumes da época.

As crianças começam a ser ensinadas sobre sua inocência através da Igreja e permanecem nos ensinamentos através da responsabilidade dos pais. Histórias e contos de fada como da Chapeuzinho Vermelho e Bela adormecida que tinham um fim totalmente

diferente do disseminado hoje, foram criadas com o intuito de fazer parte de sua literatura para amedrontá-las e alertá-las dos perigos perante sua inocência da infância.

Os Irmãos Grimm, Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), tiveram grande importância em relação ao apanhado de contos orais. Eles escreveram o que vinha sendo passado de geração em geração pela oralidade e contavam com um diferencial em sua composição que era sua preocupação pedagógica. Para eles essas histórias tinham cunho educacional e moralizante. "Durante muito tempo a aprendizagem valeu-se apenas da transmissão oral, contando com a utilização dos contos, cantigas, teatro, entre outros recursos. Ou seja, eram usadas todas as formas de comunicação oral e corporal para se transmitirem regras, valores, conceitos etc." (PESSOLATO e BRONZATTO, 2014, p. 02)

Com a invenção da prensa tipográfica no século XV ocorre um boom na corrida literária e isso impulsiona a alfabetização, em especial a infantil, que agora contava em seu acervo com obras hercúleas, os clássicos que chegaram até a contemporaneidade. Serviam como uma espécie de currículo oculto, com uma intencionalidade, e por detrás daquela roupagem mágica haviam ideais de sujeitos em uma sociedade. Um apelo a relação matrimonial, ênfase na nobreza, em virtudes e morais predominantes da época que faziam as crianças se tornarem ficcionadas por aquele conteúdo.

Metodologia

Para realização desse trabalho, seguiu-se os pressupostos teóricos da pesquisa bibliográfica, segundo Gil

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas (GIL, 2002, p. 44).

Seguindo essa metodologia, ancoramos esse trabalho nas concepções expostas por Ariè (1978) sobre infância nas nos recorte temporal escolhido e traçando um comparativo com as historias infantis dos Irmãos Grimm.

Resultado e discussões

Compreende-se que o sentimento de infância surge com a preocupação da igreja católica em demonstrar para a sociedade daquela época a fragilidade da criança, buscando acabar com a ideia de que os infantes eram adultos em miniatura a qual todo tipo de assunto poderia ser tratado com elas. A ideia de que a criança é um ser frágil e que deve ser protegida sua inocência parte de uma perspectiva para que a família passe a respeitar o tempo de

maturação da criança, buscando evitar assuntos e ações de cunho sexual e também valorizar a importância do brincar nessa fase da infância, tirando-as assim de qualquer situação de exploração.

Nesta pesquisa de cunho bibliográfica, buscou-se debater sobre o surgimento da ideia de infância com a iniciativa da igreja católica em ensinar as crianças sobre a importância da conservação de sua inocência e repassando assim para os pais a responsabilidade de proteger seus filhos. Assim surgindo as historias como, por exemplo, os contos de fada as quais os pais liam para as mesmas procurando ensina-las e alerta-las dos perigos que seria se alguém as tocasse em suas partes intimas.

As historias das obras dos irmãos Grim eram repassadas para a crianças de modo a amedrontá-las para não desobedecer os pais e assim ensina-las a proteger seu corpo evitando corromper sua inocência, essas obras continham conteúdo moralista sempre com referencias sexuais, a exemplo tem-se a historia de Rapunzel que inocentemente pergunta se seu vestido está muito apertado em sua cintura, revelando ingenuamente sua gravidez e visita do príncipe e sua madrasta, entre outras historias como como a da Chapeuzinho vermelho, retratando a criança e o que aconteceria se a mesma encontrasse com um estranho, a da Branca d e Neve que na primeira versão foi estuprada pelo “príncipe”. Essas histórias foram muito criticadas por que apesar de ser direcionado para o publico infantil, não eram adequadas para as crianças.

Por fim, este trabalho propôs-se a compreender quando se deu o surgimento da infância, relacionando com a forma que as crianças eram tratadas antes com despudor e tida como uma miniatura de adulto depois com a iniciativa da igreja católica em educar as crianças e a sociedade pra se atentarem a importância do sentimento de infância.

Referências

- ARIÈS, P. **História social da infância e da família.** Rio de Janeiro: LCT, 1978.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo :Atlas, 2002.
- PESSOLATO, Luciana; BRONZATTO, Maurício. As Transformações dos Contos de Fadas e o Surgimento da Infância. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, São Roque, v. 5 – nº 1 - 2014.